

menos a nostalgia da beleza extinta, o patos das paixões consumidas, que o pasmo ante a sua obliteração.

Isto nos leva, porém, às idéias centrais de Proust, das quais tal episódio constitui apenas a principal exemplificação. Já nos foi mostrado o malogro de Swann em satisfazer com Odette seus irrealizados anseios estéticos. De igual modo, o amigo do narrador, Saint-Loup, infelicitou-se devido à paixão por uma atrizinha matreira, que o herói conhecera antes num bordel, mas que, para Saint-Loup, aparenta possuir todos os encantos e todos os talentos. Assim também o narrador provou agora a si mesmo a fatal impossibilidade de encontrar nossa felicidade em outrem. Uma mulher não viverá nem poderá viver no mundo em que a desejaríamos ter — isto é, o mundo em que vivemos, que imaginamos; e o que nela amamos é mera criação de nossa própria imaginação: nós mesmos lho atribuímos. Essa trágica subjetividade do amor é ainda mais chocante no caso dos invertidos sexuais. (Proust suplementa os casos amorosos normais de Swann e do narrador com, por assim dizer, anexos homossexuais, os quais consistem, por um lado, em Charlus e seus amigos, e, por outro, em Albertine e suas companheiras lésbicas); aqui, aos olhos da gente comum, não há absolutamente nada de romântico para ser visto, e a grotesca disparidade entre o ideal a exaltar ou atormentar o amante e o objeto em que o encarnou torna-se risível ou repelente. No caso de um amor inteiramente nobre e desinteressado, de uma devoção em que o sexo não desempenhe nenhum papel, tal como o amor da avó pelo menino, a discrepância é, talvez, a mais desesperançada de todas, pois o menino simplesmente aceita como natural toda a solicitude e atenção da avó: é egotista demais para dar-se conta dos sofrimentos dela e raras vezes pensa nela, e não ser depois de morta. E, numa de suas mais brilhantes pinceladas, Proust nos mostra finalmente que a roufenha Mme Verdurin foi vítima, como os outros, da mesma moléstia: o arrogante despotismo que exercia sobre seu “pequeno clã”, os frenéticos esforços para manter seus membros unidos, os convites com que os importunava para virem à sua casa, e as perseguições que lhes movia quando se furtavam, eram apenas sintomas de outra variedade da mesma paixão que tem estado a torturar Swann, o narrador e Charlus: ciúme, mas, nesse caso, transferido de um indivíduo a um grupo. Tampouco são os amantes as únicas pessoas frustradas por fixarem suas esperanças em outros seres humanos, por procurarem alargar sua própria realidade privada ao mundo exterior. Legrandin, o esnobe provinciano, vive o bastante para abandonar o esnobismo: quando alcança ser convidado a todas as partes, não mais lhe

importa ir. E, num hediondo episódio final, Proust nos revela toda a fútil comédia interpretada de forma inesperada: Charlus, que estava degenerando progressivamente, chega por fim a uma fase em que todos os seus impulsos mais humanos se corrompem e ele se torna perverso por amor da perversidade: o próprio vício se converte em ideal. Mas seus esforços para se degradar malogram tanto quanto os esforços da avó para se sacrificar em benefício dos outros, pois as pessoas a quem ele estipendia para colaborar com ele pouco cuidam de ser malévolas: querem apenas ganhar um dinheirinho honestamente e não põem o coração no que fazem. Mesmo ao buscar o mal, em que a satisfação depende de outrem, o Homem está fadado ao desapontamento.

Tampouco, ao perseguir seu tema, detém-se Proust nesse ponto. A convicção de que é impossível conhecer, impossível dominar o mundo exterior, impregna-lhe todo o livro. Tal convicção é reiterada quase que a cada página, em mil diferentes conexões: as mentiras de Albertine; o boato sobre o herdeiro necessário de Luxemburgo; os diagnósticos contraditórios dos médicos consultados acerca da enfermidade da avó; as atrações de Rivebele e Balbec, mutuamente invisíveis e separadas pelo mar, o tiquetaquear do relógio no quarto de Saint-Loup, que o visitante não consegue localizar; os nomes, no horário da ferrovia, das localidades próximas a Balbec, que, a princípio, suscitam românticas imagens na mente do menino e cujas etimologias são explicadas pelo cura de Combray, tornam-se, depois, para o rapaz, simplesmente estações da ferrovia de Balbec, e são por fim explicadas, autorizada e diferentemente, por Bichot, de modo que adquirem sugestividade totalmente diversa. E já mostrei como as personagens mudam de aspecto, à medida em que muda o ponto de vista do observador.

Proust criou, neste particular, uma espécie de equivalente ficcional da metafísica em que certos filósofos basearam a nova teoria física. Proust havia sido profundamente influenciado por Bergson, um dos antecessores dos modernos antimecanicistas, e isso auxiliou-o a desenvolver e aplicar, em escala inaudita, a metafísica implícita no Simbolismo. Já tive ocasião de sugerir, no primeiro capítulo deste livro, que a defesa da metafísica dos românticos realizada por um filósofo como Whitehead deveria aplicar-se — e a fortiori — à metafísica dos simbolistas. Para a Física moderna, todas as nossas observações do que ocorre no universo são relativas: dependem de onde nos situemos ao fazê-las, da direção e da velocidade em que nos estamos deslocando — e para os simbolistas, tudo quanto seja percebido, num dado mo-